

# “Minha tolerância chegou ao limite”

■ Presidente condena briga entre ACM e STF e disputa por cargos na base aliada, em discurso de desabafo para formandos da ESG

PAULO MUSSOI

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso demonstrou ontem, mais uma vez, irritação com os desentendimentos na base de sustentação do governo. Tanto entre os partidos aliados – por causa de cargos – quanto entre os presidentes do Senado, Antonio Carlos Magalhães, e do Supremo Tribunal Federal, Carlos Velloso – por causa da CPI dos Bancos. Ao proferir uma palestra para formandos da Escola Superior de Guerra (ESG), no Palácio do Planalto, o presidente disse aos militares ter chegado ao limite de sua tolerância com as brigas. E, usando palavras afetas ao meio militar, o presidente reclamou que as “discussões vãs” atrapalham “a disciplina e a hierarquia”.

“O Brasil não pode mais conviver com disputas corporativas. Não pode. Se a democracia implica certos graus de tolerância, devo dizer que, no meu caso, minha tolerância chegou ao limite. Chegou ao limite. Chegamos a um momento em que nós precisamos marchar juntos pelo rumo escolhido pelo povo”, enfatizou o presidente.

**Crítica** – Em sua avaliação da disputa entre Legislativo e Judiciário, Fernando Henrique deixou claro que não concorda com a revolta provocada no Senado pelas liminares concedidas pelo STF em favor de alguns dos investigados pela CPI dos Bancos. “Em qualquer campo, a decisão tomada tem que ser respeitada. Não pode ser objeto de contestação. Não a contestação de crítica, que sempre é possível, mas a constestação que diz respeito à não-cooperação daqueles que têm obrigação. Ou obrigação moral, porque são aliados, ou institucional, porque são parte do Estado e devem levar adiante os programas de transformação do Brasil”, criticou. A frase serviu de aviso também para possíveis reações ao nome do novo diretor da Polícia Fe-

deral, que até o fim do dia ainda não havia sido anunciado.

A demonstração de falta de paciência do presidente não se resumiu ao setor político-institucional. Aproveitando a platéia favorável, Fernando Henrique disparou palavras agressivas contra o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), que chamou de “agitação política, sabe Deus com que propósito” e “exploração política da terra”.

**Alerta** – “Não vamos confundir o legítimo direito de obter terra e trabalho com a permanente perturbação da ordem pública através de meios violentos, da ocupação de prédios, da desordem. Isso é inaceitável! Inaceitável! Está chegando a um ponto em que será difícil que a continuidade dessas práticas não encontre uma resposta dura por parte daqueles que são responsáveis pela democracia no Brasil”, alertou. O presidente disse reconhece “a importância dos movimentos sociais” e reiterou que “nunca ninguém assentou tantas famílias quanto o atual governo”.

Em mais de uma hora de discurso, o presidente procurou traçar um amplo painel das principais políticas, virtudes e defeitos do Brasil contemporâneo. Ele elegeu os combates ao desemprego, à violência e ao narcotráfico como as atuais “políticas com P maiúsculo” no país.

No fim do discurso, o presidente fez ainda a defesa de uma posição mais dura do Brasil na reunião de Cúpula dos Países da América Latina, Caribe e Europa, que começa segunda-feira que vem, no Rio de Janeiro. Ele criticou o que chamou de postura “derrotista” dos demais países do Mercosul, que não acreditam em avanços nos temas mais polêmicos do relacionamento comercial América-Europa, como o fim da taxa aos produtos agrícolas latino-americanos. “Temos que evitar que as negociações sejam discriminatórias. A globalização não pode ser assimétrica”, afirmou.